

2.1.3 “Sertão que brinca, sertão que sonha”: um olhar sobre o teatro-educação no sertão da Bahia

Barbara Luana de Menezes, Elizabete Vitoria Dorgam Martins, Luaa Gabanini

“Sertão que brinca, sertão que sonha”: um olhar sobre o teatro-educação no sertão da Bahia

MENEZES, B.L.de¹, MARTINS, E.V.D.², GABANINI, L.³

¹ Atriz e diretora teatral. Mestranda na Escola Superior de Artes Célia Helena em parceria com a Escola Itaú Cultural e Fundadora da Sertão Vivo Instituto Cultural onde pesquisa a mediação cultural em comunidades rurais. Conhecida artisticamente como Lua Morkay.

¹ Atriz e diretora teatral. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e doutorado em Artes Cênicas pela mesma instituição. Atualmente, é docente na área de Interpretação na Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo e na Escola Superior de Artes Célia Helena e vice-diretora da EAD -ECA/USP.

¹ Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Universidade de São Paulo (ECA-USP), formada em Artes Plásticas na Faculdade Belas Artes, especialização em Direção Teatral na Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH). Membro fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos onde pesquisa a performatividade, a dança e o corpo cênico. Como diretora, seus últimos trabalhos foram: Alteridade, Anóises (projeto Conexões), Encontros Notáveis.

COMO CITAR O ARTIGO

MENEZES, B.L.de, MARTINS, E.V.D., GABANINI, L. “Sertão que brinca, sertão que sonha”: um olhar sobre o teatro-educação no sertão da Bahia. Revista Uníftalo em Pesquisa,

RESUMO

O presente artigo, é parte fundante da pesquisa de mestrado em Artes da Cena que vem sendo desenvolvida pela Escola Superior de Artes Célia Helena e em parceria com a Escola Itaú Cultural (IC). Perpassando por uma trãnsfuga de classe, este trabalho apresenta tensões em torno da construção teatral em uma comunidade rural do sertão baiano. Aqui, o teatro-educação permeia um lugar de reverberação, alcançando origens rurais, descortinando um *fazer* artístico que se distancia de sua estrutura hegemônica, eurocêntrica e nos revela que, mesmo em meio a tanta escassez, existe um cenário de criação abundante que encontra nas mulheres artistas do sertão o protagonismo e a força para a construção de suas (re)existência.

Palavras-chave: teatro-educação, mulherismo, sertão da Bahia;

ABSTRACT

This article is a founding part of the master's research in Performing Arts that has been developed by Escola Superior de Artes Célia Helena in partnership with Escola Itaú Cultural (IC). Passing through a class transition, this work presents tensions around the theatrical construction in a rural community in the backlands of Bahia. Here, theater-education permeates a place of reverberation, reaching rural origins, revealing an artistic way of being that distances itself from its hegemonic, Eurocentric structure and reveals to us that, even in the midst of so much scarcity, there is an abundant creation scenario that is found in the women artists from the hinterland the protagonism and strength to build their (re)existence.

Keywords: theater-education, womanism, sertão of Bahia;

1. INTRODUÇÃO

Deambulações em torno do “sertão que brinca, sertão que sonha”

“Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia”

Guimarães Rosa

Já são treze anos navegando por mares tempestuosos que desembocam nas artes da cena. Na pujança de querer vencer e na busca constante de preparo técnico, busquei romper as barreiras geográficas e sociais para ser conduzida por uma força ancestral até os corredores de um dos maiores centros de pesquisa e formação de atores, com sede na cidade de São Paulo – a Escola Superior de Artes Célia Helena. Compor o Mestrado Profissional em Artes da Cena: Turma Especial/Laboratório em Artes e Mediação Cultural¹, torna-se um dever (DELEUZE, 1995) ancestral posto que as forças superiores que me regem estiveram, ao longo desta jornada, desterritorializando saberes, vivências e me preparando para ocupar este momento com assertividade.

Conheci o Célia Helena ainda na adolescência fuçando na internet, em uma *lanhouse*, em Paripiranga², sertão da Bahia, o meu torrão natal. Foi assistindo a uma entrevista da Lígia Cortez³ para o Programa do Jô⁴,

¹ Fruto da parceria da Escola Superior de Artes Célia Helena e Escola Itaú Cultural, o mestrado reúne alunos interessados em pesquisar práticas artísticas a uma compreensão expandida da noção de mediação cultural em diversos contextos e formatos. Para saber mais, acesse: <https://escola.itaucultural.org.br/mediados/mestrado-em-artes-da-cena>.

² O município de Paripiranga fica localizado a 323km da capital Salvador e está totalmente incluído no polígono da seca (região geográfica caracterizada pelo baixo volume de chuvas). Segundo pesquisa do IBGE, tem população estimada em 2021 de 29.124 pessoas. Para Antônio Carregosa (2015), Paripiranga ainda preserva uma marca rural imensamente forte porque grande parte da população está ligada a agricultura familiar o que vem ampliando, ao longo dos tempos, a desigualdade social. Por outro lado, temos a presença da Faculdade Ages, que se constitui como um complexo educacional de porte regional e tem mais de dezenas de cursos possuindo cinco campus o que trouxe para a cidade importante crescimento.

³ Atriz, diretora teatral, arte-educadora e pesquisadora. É Doutora no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Diretora artístico pedagógica do Célia Helena.

⁴ Considerado um dos maiores talk-shows do Brasil, foi um programa de entrevistas que misturava entretenimento e música. Apresentado por Jô Soares, ator e jornalista, o programa tinha como característica, o

em uma antiga tv de tubo preto e branca e bem simplória, no “beco de Dona Camila - número 34”, que pude entender que para materializar o meu sonho de ser atriz, seria necessário me arriscar e, mais que isso, traçar uma rota de fuga em disparada longe do sertão.

Lembro que em sua fala, Lígia descrevia a memória afetiva do seu pai, Raul Cortez⁵ e a sua mãe, Célia Helena, no qual haviam deixado um legado e destacava o quanto era imprescindível, além da técnica, a formação política, crítica, humana e a importância da leitura e dedicação aos estudos na formação de atores, afinal de contas, ela era a representante de uma ancestralidade potente das artes da cena e o Célia Helena, havia se tornado a memória guardiã do nosso ofício.

Em sua fala, Lígia destacava a importância da formação política e humana de atores para o palco e havia uma força interior dentro de mim que dizia: "Lua, um dia você vai pisar nessa escola". Ao mesmo tempo em que eu acreditava fortemente na possibilidade, também pensava: “Como eu iria sair do sertão da Bahia sem nenhuma estrutura financeira ou familiar?” Como chegar até São Paulo? Como passar em um vestibular, se até então eu nunca havia tido contato com as práticas do teatro e tudo que chegava era através da televisão? Como isso poderia acontecer se eu nem conseguia me concentrar para estudar porque havia um eco em minha cabeça que atrapalhava a fruição de meus pensamentos e concentração?” – Destaco aqui, a importância do acesso à leitura e a obras que sejam referências para o nosso caminhar, porque foi somente a partir dos escritos de Maria Carolina de Jesus, na obra “Quarto de Despejo”, que passei a compreender que esse estado de

humor e recebia diversos convidados atores, cientistas, políticos para falar de suas histórias e projetos. O programa era transmitido pela TV Globo e ficou no ar entre os anos 2000 e 2016.

⁵ Raul Cortez foi um ator, diretor e produtor, reconhecido pelos maiores prêmios do teatro, cinema e televisão, casado com Célia Helena, atriz e pedagoga e diretora teatral.

constante tontura e desatenção que vivia na adolescência, poderia ser em decorrência da fome, falta de água e à tantas outras insalubridades que vivíamos em casa.

O fato é que para além da fome do pão, sempre houve a fome de conhecimento. Essa sim me deu substrato suficiente nutrindo meu corpo franzino nascido de sete meses e criado por uma mulher solo e matrigestora⁶ sertaneja. Observar tais marcas identitárias que me atravessam e compreender o interesse pela intelectualidade já tão presente em minha infância e adolescência estimulado, muitas vezes, por *mainha*⁷ me fez, conseqüentemente, distanciar-me das minhas origens rurais – ainda que seja impossível romper com a nossa natureza ancestral – o que me possibilitou, por meio da educação pública, acessar outros ambientes através da trãnsfuga de classe.

Para Santos (2021), a trãnsfuga de classe permite aos indivíduos acessarem outros universos, no entanto, há uma crise interna que o acompanha porque por mais que suas origens sejam de classe subalterna e trabalhadora, não há uma identificação com este universo e não há com o outro universo que ele o acessa, desencadeando em uma crise existencial considerando que esse é o processo pelo qual os indivíduos “oriundos de classes desfavorecidas economicamente,

⁶ Segundo a pesquisadora e filósofa Aza Njeri, a origem do matriarcado está intimamente ligada ao cultivo da agricultura por mãos femininas no continente africano. No matriarcado, temos a construção de uma dinâmica social e política em que a mulher desempenha um papel preponderante que é centrado em sua figura. Destaca-se o termo “matrigestão” por se tratar de uma pesquisa que se relaciona diretamente com mulheres no sertão e será a partir da corrente filosófica “Mulherismo Africana”, que reside a escolha de se apontar um caminho filosófico que nos possibilita reconhecer o sertão como um lugar de resistência da cultura afro-brasileira em diáspora por meio da mulher sertaneja como protagonista nas artes da cena.

⁷ Mainha é uma forma diminutiva e carinhosa da palavra mãe. Regionalismo majoritariamente

encontrado na região do nordeste em linguagem popular. Para fins identitários desta pesquisa, manteremos sempre a forma popular da expressividade baiana e sertaneja impregnado-lhes, assim, seu lugar de pujança como objeto de estudo da referida pesquisa.

ingressam em um ambiente educacional ou artístico destinado às elites econômicas e culturais” (SANTOS, 2021, p. 101).

Enquanto traçava a rota da trãnsfuga de classe em volta de muitas leituras e referências, produzia também a sensação de um crescente esforço na busca constante de me ver pertencente àquele outro território desconhecido e que, na maioria das vezes, repelia meu corpo-voz. Fui, portanto, ao longo de minha trajetória acadêmica, adquirindo consciência crítica diante das mudanças que sucederam esta pequena trajetória e, só hoje, sendo parte fundante da primeira turma deste mestrado, é que reconheço a força das palavras da Lígia proferida naquele programa de televisão que tanto irrigava meu imaginário e percebo o quanto a sua voz e presença ainda que imageticamente, influenciaram o meu *ser-estar* no mundo e, inconscientemente, fora o meu sustento para suportar a travessia e hoje tenho consciência que sou fruto dos investimentos na área das políticas afirmativas⁸ através do ingresso na Universidade Pública⁹.

Primeiro me graduei em Artes Cênicas¹⁰ pela Universidade Federal de Sergipe e, logo em seguida, em Pedagogia¹¹, pela Universidade Nove

⁸ São medidas adotadas por governos que buscam minorar a desigualdade social, econômica e política entre grupos. No período de 2010-2016, fui aluna-bolsista nos programas de permanência da Universidade Federal de Sergipe, sendo eles: Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Fui contemplada também com o Auxílio Moradia e Residência Universitária nos programas da Pró-Reitora de Assuntos Estudantis (PROEST).

⁹ Faço a devida ênfase às políticas públicas tendo as cotas sociais como uma possibilidade de corrigir a desigualdade social, oportunizando e democratizando o acesso à educação, que me proporcionou ser a primeira mulher diplomada em uma família de agricultores do interior da Bahia e, hoje, tenho a possibilidade de romper o ciclo de pobreza geracional de minha família.

¹⁰ Entre os anos de 2010 e 2015 cursei a graduação em Licenciatura Plena em Teatro pelo Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Sergipe em Aracaju, SE.

¹¹ Cursado na Universidade Nove de Julho, entre 2017 e 2019. Quando terminei a graduação em teatro, percebi que era hora de colocar em prática o sonho adolescente de ir se aventurar em São Paulo, lugar que permaneci durante quase sete anos, retornando para a Bahia no segundo ano de pandemia. Nesta vivência riquíssima, tive a oportunidade de ser Artista Orientadora de Teatro no Programa Vocacional da Secretaria de Cultura de São Paulo atuando na Zona Leste e Zona Sul entre os anos de 2017 e 2020 e atuar em projetos socioculturais.

de Julho. Esta última, já sendo cursada em São Paulo, porque quem rege a minha cabeça continuou soprando em meu ouvido segredos de sobrevivência e alimentando aquele desejo despertado por uma outra atriz que olhava para a câmera e falava como se me desse um recado. Assim que concluí a graduação, decidi tentar a sorte na metrópole imbuída do sonho da adolescente do interior, de permanecer estudando teatro. Levada por um desejo coletivo onde a maioria que se formava iria para São Paulo, lá fui eu sendo guiada por essa mesma força ancestral.

Destarte, foi já vivenciando a cena artística na cidade de São Paulo, quase sempre na condição de “forasteira”, que passei a refletir sobre a minha própria experiência como transeunte entre o sertão da Bahia e a cidade de São Paulo porque o que reverbera desta experiência, é a produção de um não-lugar; para quem é do sertão, eu sou da cidade e para quem é da cidade, eu sou do sertão. Esta sensação de não pertencimento é demarcada pelas consequências da “segregação socioespacial” (MACEDO, 2022)¹² e a crescente desigualdade social que demarca as faces de um país que não oferece os mesmos recursos e desenvolvimento quando comparado aos grandes centros urbanos.

Coligado a este percurso, reside algumas inquietações que inauguram a incursão vivenciada no âmbito da construção deste artigo: “quais foram os atravessamentos existentes que produziu um discurso sociopolítico, capitalista, cultural e que, constituído por uma matriz de pensamento institucionalizada a partir do processo de colonização dos territórios que compõem o nordeste, impulsionou e ainda impulsiona

Neste processo, senti a necessidade de cursar pedagogia para ampliar meu leque de atuação e conhecimentos a respeito do Teatro-Educação.

¹² MACEDO, Clarisse S. O estrangeiro de si: as trajetórias das migrações nordestina. ECA USP, Jornalismo Jr. Disponível em: <https://jornalismojunior.com.br/estrangeiro-de-si-as-trajetorias-da-migracao-nordestina/> Acesso em: 14 de Maio de 2022.

artistas nordestinos do interior e da capital a deixarem seus estados em busca de melhores condições, oportunidades e visibilidade para suas produções?

Não sendo relevante no âmbito desta pesquisa, adentrar de fato aos meandros que caracterizam os fenômenos de mobilidades sociais dos artistas oriundos do nordeste para o sudeste mas, sim, compreender esta indagação como uma bússola que conduz esta escrita que perpassa por um re-encontro com o sertão e religar com as minhas origens, é que chego a uma primeira hipótese.

No campo específico das artes cênicas, a rota de fuga para nós, artistas, demarcados por uma geração nascida nos anos 90 (recorte ao qual pertencço), se deu pelo eixo Rio de Janeiro, tanto pela influência da Rede Globo, a partir dos meios televisivos com programas de auditórios e produções de novelas ou, São Paulo, pela própria opulência adquirida durante o século XX construída pela “mão de obra migrante nordestina, no processo de urbanização e industrialização da cidade a partir da década de 1940” (PAES, 2011, p. 89). Tais imbricamentos, nos condicionou sempre a olhar e valorizar as coisas externas, começando pelas produções artísticas no eixo Rio-SP, a ter que encarar nossas realidades construídas historicamente a partir do discurso da escassez e do atraso.

Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia pois, se o caminho se faz caminhando, é preciso compreender as intempéries que o processo de descoberta e caminhada nos provoca. E, por conta da pandemia do COVID 19, após retornar para casa, depois de quase sete anos vivenciando a cidade de São Paulo e vivenciar o movimento de

*sankofa*¹³ (importante ideograma pertencente ao conjunto de símbolos gráficos denominados *andikras*, representado por um desenho de um pássaro que nos ensina a possibilidade de voltar ao passado, às nossas raízes e origens para poder realizar nosso potencial de avançar e seguir ainda mais fortalecidos), é que veio o desejo de investigar as potencialidades existentes em montar um espetáculo teatral com as mulheres no sertão¹⁴. Como um ensinamento, o *sankofa* transformou minha cosmovisão diante da vida e foi em meio a este cenário e rodeada de filosofias ancestrais, que retornei para o conviver com *mainha*¹⁵ e com as mulheres da minha família, matriarcas de quase 95 anos que ainda dedicam suas vidas ao viver na roça arando o feijão.

Portanto, vislumbrar um cenário de possibilidades dentro de um território do semiárido ao qual pertenço sem o devido reconhecimento e apoio local por parte das instituições públicas e a inexistência de um pensamento coletivo que enxergue as manifestações culturais que aqui existem, seja por meio do teatro, quadrilhas, música, danças populares, é esbarrar na ausência da compreensão de que a cultura “vem sendo considerada como estratégia chave de combate à pobreza, assim como é também fator decisivo criar projetos que esboçam um novo modelo

¹³ A expressão *sankofa* é originária de um provérbio entre os povos de língua Akan da África Ocidental. Sanko = voltar; fa = buscar, trazer. “Se wo were fi na wosan kofa a yenki” na tradução: “não é tabu voltar atrás e buscar o que é seu”. O símbolo do *sankofa* é representado como um pássaro mítico que voa para a frente tendo a cabeça voltada para trás e carregando em seu bico um ovo, o futuro. Esse retorno para casa e o contato com a filosofia do *sankofa* foi de extrema importância para o nascimento da pesquisa. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br/todas-as-categorias/sankofa/>. Acesso em: 10 de Abril de 2023.

¹⁴ Durante o decorrer da pesquisa, percebeu-se que a nomenclatura “mulheres sertanejas” designa também a presença das mulheres no universo da música sertaneja, então, para fins identitários e para não gerar confusão, assumiremos a partir daqui o uso do termo “mulheres do sertão”.

¹⁵ Mainha é uma forma diminutiva e carinhosa da palavra mãe. Regionalismo majoritariamente encontrado na região do nordeste em linguagem popular. Para fins identitários desta pesquisa, manteremos sempre a forma popular da expressividade baiana e sertaneja, impregnado-lhes assim seu lugar de pujança como objeto de estudo desta pesquisa.

de desenvolvimento a partir de nossas riquezas e diversidade cultural” (LEITÃO, p. 4 2007).

Ou seja, é mais do que oportuno e urgente que artistas, professores, pesquisadores neste momento em que o país retoma a reconstrução do Ministério de Cultura (MinC) após suspensão de quatro anos que vivenciamos com a chegada de um governo conservador atrelado a uma pandemia, estejam na ponta provocando mentes a partir da produção de novos mundos e, mais que isso, em uma tentativa *poética* de impulsionar uma poesia de território que potencialize ações comunitárias voltadas para a construção ética de *con-vivências* saudáveis também em cidades do interior.

Lanço aqui, a possibilidade de germinar – não só neste solo arado de Terra Vermelha da Vila de Patrocínio do Coité, que hoje se chama Paripiranga (OLIVEIRA, 2016), mas para as páginas futuras da pedagogia do teatro brasileiro, no âmbito inaugural do Mestrado Profissional em Artes da Cena, questionamentos que surgiram a partir das provocações de Bel Meyer, uma das professoras convidadas da disciplina “Deslocamentos e Fronteiras” e que se tornaram disparadores desta ação coletiva que tem as mulheres do sertão como protagonistas: “é possível instaurar espaços de troca, escuta e pertencimento através da prática teatral com mulheres em uma comunidade tradicional na zona rural do sertão da Bahia? Ao longo dos dias e do reencontro com o rural, este projeto de pesquisa veio se solidificando, e o que se busca é a investigação dos possíveis atravessamentos políticos e socioculturais que delineiam a construção do sertão baiano, a partir do recorte do município da cidade de Paripiranga/BA, na tentativa de compreender as possibilidades e implicações existentes ao desenvolver um trabalho que

tem como estrutura basilar, a mobilização das mulheres artistas no sertão.

O fato é que, a Lua adolescente cheia de sonhos e desejos de transformar o mundo, descobriu o Célia Helena lá atrás, e hoje, após vivenciar inúmeras experiências no campo teórico-prático nas áreas de teatro, pedagogia e filosofia, e, por meio de uma retórica alicerçada na trãnsfuga de classe extremamente focada e engajada, pudesse ingressar com inteireza, a partir de minhas origens, para compor este mestrado que vem oportunizando o descortinar de um teatro que surge, a partir da potência da comunidade, mostrar que é possível a construção e mobilização de uma cena artística através das mulheres que são o coração do sertão.

É por meio desta pesquisa que encontra-se em desenvolvimento, que a criação artística é estimulada a partir da estética da vida cotidiana de mulheres sertanejas e seus filhos, unindo o sertão hi-tech ao sertão ancestral; tensionando veias e artérias que constituem o corpus-molde de um Brasil profundo, que renega sua origem rural e condiciona as mulheres em situações subalternas inferiorizando-as; porque há uma agenda em vigor que é colonial e que privilegia o homem.

2 DESENVOLVIMENTO

As faces de um Brasil profundo

“Minhas irmãs, meus irmãos
 Se assumam como realmente são
 Não deixem que suas matrizes
 Que suas raízes morram por falta de irrigação
 Ser nortista e nordestino, meus conterrâneos
 Num é ser seco nem litorâneo
 É ter em nossas mãos um destino
 Nunca clandestino para os desfechos
 metropolitanos”
 (RAPdura Xique-Chico, 2022)

Em “Os condenados da terra”, Frantz Fanon sentenciou que cada geração deveria descobrir a sua missão. Cumprí-la ou traí-la¹⁶. A escrita de Fanon expõe enredos cenários e contextos do que foi a violência colonial e nos convoca à luta para ocupar espaços, sobretudo, através da arte. Fanon também nos mostra que a colonização foi e ainda é um processo violento e que desumaniza o colonizado. E, fazer parte de uma geração de artistas que só conseguiu acessar os corredores das universidades públicas por meio de cotas sociais, é compreender a importância da educação como movedora de mundos para, só assim, cumprir uma missão e não raí-la.

Figura 1 - Aula de Teatro e Empreendedorismo com mulheres no Povoado da Quixaba, Paripiranga, BA.



Foto: acervo pessoal, março de 2022.

¹⁶ “[...] Cada geração, deve em uma relativa opacidade, descobrir sua missão, executá-la ou traí-la” (FANON, p. 171, 1961).

É movida pela filosofia de Fanon que retorno ao meu lugar para colocar em prática tudo que aprendi nos livros e nos palcos. É neste percurso que as palavras de Paulo Freire conduz esta ação de instauração de uma cena artística profissional no semiárido, porque é a partir da “pedagogia da esperança” que o verbo de ação reverbera no “esperançar” que propõe, provoca, move e que deve sim residir a crença de que superaremos, um dia, todas essas opressões que caracterizam o processo histórico de criação de um país que renega suas origens rurais e que também é sentido e vivenciado em cidades interioranas.

Para compreender as faces que constituem o Brasil profundo, encontramos nos escritos do pesquisador Clímaco César Dias (2019) um caminho pertinente a respeito de como se constituíram os territórios nordestinos, sobretudo o sertão da Bahia, que por não oferecer as “respostas econômicas” esperadas pelas elites hegemônicas do país:

Acabou não atraindo grande presença do Estado brasileiro. O sertão da Bahia, por exemplo, foi historicamente uma das regiões mais carentes de infraestrutura mínima, por não receber os investimentos por parte do governo local, que privilegiava as regiões com maior dinamismo econômico. (DIAS, p. 59. 2019)

Esta narrativa se instaura por volta do século XIX devido a transferência da capital da colônia, Salvador para o Rio de Janeiro em 1763. Porque até então, Salvador, considerada cidade mais moderna e equipada da época, protagonizava o poder político administrativo e econômico da coroa portuguesa por ser a principal produtora de açúcar e estar localizada em área de maior extração do pau-brasil. Essa mudança de capital se deu pela concorrência com a indústria

açucareira nas Antilhas que chegava com grande força nos mercados europeus por ter um preço mais baixo e também pela intensificação da mineração do ouro e pedras preciosas localizada nas regiões do centro-sul.

Portanto, esta mobilidade de interesse econômico caracterizada por sugar os recursos naturais de um território recentemente “conquistado” através do sequestro transatlântico com a escravização em detrimento de enriquecimento da coroa, intensifica profunda crise no interior da Bahia com a “desarticulação da zona semiárida, na medida em que Salvador já não demandava os produtos sertanejos com a mesma intensidade” (DIAS, p. 57, 2019). Cenário propício para se propagar a ideia de uma região rural “atrasada”, “infértil” que por não apresentar rendimento econômico para as classes dominantes, também não teria investimento sendo, portanto, uma região esquecida.

Podemos encontrar este pensamento exemplificado no que se considerou chamar “sertão”, já que o termo fora usado para designar um lugar não colonizado, rural, que compreende toda a região afastada do litoral e “avesso à modernidade, palco de secas, de resistência ou de miséria” (DIAS, p. 58, 2019). Daí a importância de se compreender e estudar o território, mais precisamente, a região de foco desta pesquisa a partir da ideia de “convivência com o semiárido” e que se faz necessário levar em consideração, sua localização geográfica inserida em uma região de baixos índices pluviométricos e que historicamente sofre pela estigmatização das elites do Centro e Sul do país.

Portanto, elucidar um trabalho artístico, pedagógico, humano e afetuoso que vem sendo realizado com 30 mulheres e seus filhos no

Centro Cultural da Quixaba¹⁷, em uma comunidade da zona rural, torna-se o motivo pelo qual nós, artistas, docentes e pesquisadores, ainda seguimos acreditando que é possível provocar fissuras nas bases hegemônicas que sustentam o nosso tecido social.

O trajeto que se dá entre a minha casa e a Casa de Cultura da Quixaba – lugar onde os encontros acontecem desde Setembro de 2021 – revela-nos os contrastes de um país que tem em sua herança colonial, a propagação das desigualdades sociais oriundas de uma política “coronelistas que se disfarça atualmente em mandonismo” (CARREGOSA, p. 235, 2019).

A historiadora Vanessa Souza, ao se debruçar sobre a presença da mulher de elite na cidade de Paripiranga, não só nos apresenta um panorama histórico da constituição de um território que se forma a partir do silenciamento da mulher no sertão. Em sua pesquisa¹⁸, há a contribuição para a literatura feminista local a partir de um recorte que contempla “a mulher de elite”, justamente pela dificuldade de se ter referências concretas que evidencie a presença e história de mulheres da zona rural na construção político-social na cidade de Paripiranga. Sobre esta constatação, duas perguntas emergem: se temos o Centro Universitário Ages¹⁹ em nossa cidade que modificou o cenário cultural e educacional da região ao longo dos quarenta anos de criação, por que o

¹⁷ O Centro Cultural da Agricultura Familiar Professora Gertrudes Maria Oliveira, mais conhecida como Casa de Cultura da Quixaba, fica localizado na zona rural da cidade de Paripiranga, BA. A casa de cultura é um importante centro cultural criado por meio de edital de investimento do Banco do Nordeste e funciona não só como espaço de eventos, mas para todo acolhimento da comunidade em campanhas de vacinação, atendimento médico e reuniões das lideranças. Os encontros acontecem todas às terças-feiras, das 13h às 17h, desde novembro de 2021.

¹⁸ SOUZA, V. N. **Mãe, formosa e protetora do lar**: o ideal feminino no semiárido O Paladino (1920-1940). Monografia. Centro Universitário Ages. Paripiranga, 2016.

¹⁹ O Centro Universitário Ages é o “oásis” do ensino superior no interior da Bahia e de Sergipe. Essa matéria pode ser vista em seu próprio site: <https://www.ages.edu.br/noticias/centro-universitario-ages-e-oasis-do-ensino-superior-no-interior-da-bahia-e-do-sergipe/> Acesso em: 15 de Maio de 2023.

acervo do Colegiado de História disponibiliza ainda pouco material sobre a força e presença da mulher no sertão na perspectiva popular e comunitária? Quais narrativas se construiu para que essas histórias e memórias que expressam a força e a luta das mulheres no sertão, sobretudo no recorte da cidade de Paripiranga, fossem silenciadas e invisibilizadas?

Em inúmeras pesquisas nos arquivos e acervo do LEPH²⁰, percebe-se a inexistência de trabalhos acadêmicos que contemplem e ampliem a voz, experiências e história das mulheres do campo e, embora tenhamos diversas comunidades rurais com a presença de folguedos, novenários e festejos religiosos que se entrecruzam aos estudos da etnocenologia²¹, não há uma preocupação acadêmica para o estudo da cultura popular local que possa perpetuar e fortalecer suas práticas ou, até mesmo, projetos pedagógicos inovadores implementados nas escolas municipais que possibilitem aos alunos o contato com as manifestações populares como lugar de produção de saber e fortalecimento de nossa cultura ancestral e sertaneja na perspectiva mulherista.

Entendendo que abrir caminhos é, na verdade, aquilo que o mestre Gilberto Gil definiu cultura como sendo “algo ordinário, pois cultura é feijão com arroz, é necessidade básica, tem que estar na cesta básica de todo mundo e pra isso é preciso que haja ainda assim, uma conscientização muito grande” (GIL, 2014, 32min. 45seg), que este trabalho vem se constituindo como uma ação de enfrentamento à desnutrição cultural, promovendo uma educação aberta, prazerosa, a

²⁰ Laboratório de Ensino e Pesquisa em História do Centro Universitário Ages. O LEPH guarda importante acervo da cidade e foi construído no objetivo de salvaguardar a memória de todo o patrimônio histórico que conta o surgimento das primeiras vilas de povoamento durante o século XVIII.

²¹ Etnociência das artes do espetáculo e dos comportamentos e práticas espetaculares humanos organizados. Acessar em: <<http://portalabrace.org/c2/index.php/grupos-de-trabalho/etnocenologia>>

partir de um caminhar educacional não-formal e que tem o teatro como ação mediadora de encontros, partilhas e fortalecimento.

A cultura aqui, tem sido olhada por meio da prática teatral com mulheres que não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive quanto ao acesso a educação formal e ao universo acadêmico, mas, nem por isso, deixam de ter seus valores que, de forma ancestral e através da oralidade e força comunitária, são passados de geração em geração.

Esta pesquisa visa, portanto, valorizar a fazênciã de mulheres em um território rural e apontar caminhos pelos quais conseguiremos inaugurar uma mobilização coletiva e estratégica, promovendo ações de impacto no campo da mediação cultural. Que possamos nutrir culturalmente mulheres e seus filhos no semiárido e que, por meio da arte, identifiquem e reconheçam suas forças forjando novas (re)existências.

Estamos, portanto, mobilizando a criação de narrativas múltiplas, potentes e inovadoras para a cena da pedagogia teatral, que seja capaz de romper com um modelo eurocêntrico e que, sempre nos alerte sobre “os perigos de uma história única” (ADICHE, 2020).

O que muda quando o teatro entra em cena?

Provavelmente, você nunca deve ter ouvido falar em Paripiranga, cidade baiana que fica ao nordeste do estado da Bahia, mais próxima à cidade de Aracaju, muito menos a comunidade da Quixaba, lá onde “o vento faz a curva e Judas perdeu as botas”²². Porém, eis que através de uma indicação ao prêmio “Movimento LED - Luz na Educação 2023”²³, o

²² Ditado popular que sempre ouvi na minha infância quando pessoas ao redor se referiam ao nosso território.

²³ O Movimento LED - Luz na Educação é uma iniciativa da Globo e Fundação Roberto Marinho que surgiu para iluminar práticas inovadoras na educação brasileira e reconhecer quem está agindo em prol do futuro da educação no Brasil.

prêmio vem dando luz à cidade e às mulheres fazedoras de cultura no sertão a partir de um movimento de ação sociocultural. Para a minha surpresa, concorri com mais de 2 mil inscrições na categoria Estudante/Pesquisador²⁴ com este plano de trabalho e ficamos entre as 60 iniciativas mais importantes do país. Houve uma análise de inscrição e, por último, uma entrevista com a banca composta por jurados técnicos na área de impacto social e educacional.

Atuando inicialmente de forma itinerante, indo aonde nosso público está, nossos projetos estão inseridos nas áreas de Educação Decolonial e Cultura e nosso objetivo é conectar pessoas que compreendam que se engajar à nossa luta, é poder promover a transformação social no propósito coletivo de plantar sonhos no sertão em busca de uma construção de novo cenário que revele as mulheres como protagonista das artes da cena.

Foi durante as aulas do mestrado e a partir da participação e provocação da Profa. Dra. Claudia Leitão, uma das professoras convidadas, que possui vasta experiência na área da Economia Criativa, implementação de Políticas Públicas para a Cultura e que através de sua aula intitulada “Políticas Culturais no Brasil”, pode impulsionar ainda mais a decisão da criação de uma instituição cultural²⁵ como o resultado da pesquisa que vem sendo desenvolvida. Segundo ela: “são ações como essas que você está desenvolvendo em meio as faces de um Brasil profundo, que eu acredito. São trabalhos como esses que mostram a potência de microterritórios”. O posicionamento de um dos nomes mais

²⁴ Para ter acesso a lista dos projetos selecionados, clicar em: <https://somos.globo.com/movimento-led-luz-na-educacao/noticia/chegou-a-hora-de-conhecer-os-60-semifinalistas-do-premio-led-2023.ghtml>

²⁵ A Sertão Vivo Instituto Cultural é uma holding de impacto sociocultural criada no âmbito do Mestrado Profissional em Artes da Cena e tem como propósito combater a desigualdade social e de gênero promovendo inclusão e transformação social por meio do teatro-educação para jovens, mulheres e seus filhos no sertão da Bahia. Disponível em: <https://www.sertaovivo.org/>.

importantes do cenário da Economia Criativa atrelado no mergulho nas faces deste Brasil tão profundo e desigual, me impulsiona, inicialmente, a compreender as dimensões que envolvem o direito à cultura no território em que me encontro. Portanto, traçar um paralelo entre cultura e comunidades é, antes de qualquer coisa, compreender os aspectos constitucionais que corroboram para a efetivação do acesso à cultura como direito humano.

Analisando a Carta Magna que rege as leis vigentes em nosso país, no Artigo 215²⁶ da Constituição Federal de 1988, a cultura é tratada como um “Direito Humano de Segunda Dimensão”, isto é, direitos fundamentais em que o Estado tem o dever de atuar em favor do indivíduo. Portanto, é dever do Estado: “garantir à todos o pleno exercício dos direitos culturais, o acesso às fontes da cultura nacional, o apoio, incentivo, valorização e a difusão das manifestações culturais”. Porém, na realidade, encontramos a deficiência de um estado que não consegue alcançar por meio de políticas culturais, artistas do interior.

Destaca-se que com a chegada da Rede Gerando Falcões²⁷, importante ecossistema de desenvolvimento social que atua em rede para acelerar o impacto de lideranças sociais espalhadas por todo o país, a cidade vem protagonizando – ainda que timidamente – um cenário de possível mudança em sua tessitura social por meio de projetos que envolvem a educação decolonial, cultura e empreendedorismo com foco na “mulher líder e matrigestora” (NJERI *apud* DOVE, 2018) que são

²⁶ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao

²⁷ A Rede Gerando Falcões é um ecossistema de desenvolvimento social que atua em rede para acelerar o poder de impacto de líderes de favelas de todo país que possuem um sonho em comum: colocar a pobreza das favelas no museu. Para saber mais, acessar em: <<https://gerandofalcoes.com/>>

imprescindíveis para o desenvolvimento comunitário no sertão. Uma prova de que é possível criar outras narrativas de existência oposta ao modelo vigente que tem a escassez e a falta de oportunidade como elo propagador de desigualdade, é o projeto “Pra Frente”²⁸ que aconteceu em novembro de 2021.

O programa tinha como principal objetivo proporcionar o acesso a noções de empreendedorismo, autoconhecimento, direitos humanos, e governança perpassando pelos princípios da ciência política: quais as funções de um vereador, prefeito, governador? Durante o curso, as alunas recebiam um incentivo financeiro de trezentos reais para estudar e permanecer nas aulas. Ao final do projeto, duas mulheres foram selecionadas²⁹ com um investimento de quatro mil reais para turbinar seu negócio.

“É possível driblar as faces do mandonismo local?” esta foi a primeira pergunta que ecoou desde o dia que ingressei neste mestrado e na Falcons University³⁰, braço educacional da Rede Gerando Falcões e funciona como uma faculdade de lideranças sociais nos oferecendo gratuitamente aulas de conhecimentos jurídicos, administrativo, finanças,

²⁸ Foi por meio do projeto “Pra Frente”, parceria da Gerando Falcões e Fundación Mapfre que iniciei as atividades de teatro e empreendedorismo com mulheres na comunidade da Quixaba. O programa tinha o objetivo de levar noções de empreendedorismo comunitário contemplando mulheres empreendedoras com um investimento de quatro mil reais em seus negócios. Assumi as aulas como facilitadora do programa e vislumbrei um lugar possível entre teatro-educação e noções de empreendedorismo. Nas cenas montadas, discutíamos questões referentes ao cotidiano delas: vender seus produtos (grande parte das alunas são artesãs, costureiras, manicures, confeitadeiras) e desenvolvem atividades para ampliar a renda. Para assistir uma das aulas, acessar em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3m-bNXGShbo> >

²⁹ Os dois projetos selecionados foram: “A sorveteria Sabor do Sertão” e “Xerox da Bahia”, dois projetos inovadores que surgem a partir da necessidade da comunidade. Por um lado, um empreendimento que oferece hambúrguer e sorvete e, o outro, nascido a partir da inexistência de um espaço de xerox para as famílias não precisar se locomover até a cidade para resolver demandas relacionadas a atividade das crianças na escola, impressão de uma conta, etc.

³⁰ Fui selecionada para compor a turma do semestre 2022.2. Acessar em: <<https://gerandofalcoes.com/en/falcons-university/>>

métodos pedagógicos, além de masterclass com os melhores profissionais à nível nacional para nos dar suporte necessário para a criação da instituição.

Depois de atuar no projeto “Pra Frente”³¹, percebeu-se a oportunidade ideal para fortalecer a pesquisa de mestrado e buscar apoio institucional para desenvolver um projeto cultural com as alunas participantes. Neste jogo de sobrevida em que nossos corpos-memória-ancestral foram dizimados pela força motriz de um barco à vela que por aqui atracou em 1500 e que mudou toda a lógica de relações, nos resta pensar onde estão as mulheres e qual lugar foi dado a elas na história da construção não somente da identidade de nosso país mas, sobretudo, da cultura nordestina, baiana e sertaneja? O que me parece relevante, é também perguntar a partir de quais referências e narrativas se construiu a identidade baiana fazendo com que o sertão e o interior sejam sempre vistos como um lugar de atraso onde as políticas públicas não chegam?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as possibilidades de desdobramentos desta pesquisa, sobretudo, no que tange a uma cartografia das sobras de uma classe aristocrática coronelista sertaneja e interiorana que se perpetua no tempo através da manutenção de seus privilégios que insistem por preservar suas narrativas de cunho violenta e que acaba por implicar em um empobrecimento da cultura local ferindo a memória do patrimônio e surrupiando a dignidade do bem viver.

Constata-se também o desinteresse de uma comunidade acadêmica local de não estimular o conhecimento científico acerca das

³¹ Para saber mais sobre o projeto “Pra Frente: mãe e muito mais” acessar em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/anjós-da-stellinha-ong-ajuda-mulheres-alcar-novos-voos-1-25434977>

produções das mulheres da zona rural que são sempre invisibilizadas e silenciadas, uma vez que, até agora, acessando os arquivos do Colegiado de História, só houve o interesse de pesquisar as mulheres da elite. Acredita-se que este demarcador acontece pelo desinteresse crescente perpetuado pelas gerações em não valorizar a história local retirando dela o seu protagonismo.

Ressaltaria também a originalidade do olhar artístico-pedagógico que o artista-educador-pesquisador precisa desenvolver para que se crie mecanismos onde histórias imensamente ricas possam contribuir para a tecitura social que tem como foco as classes populares e os movimentos culturais existentes no interior. Destaca-se a produção de mulheres do campo, matrigestoras que sustentam suas casas e famílias. Ter a possibilidade de narrar suas histórias, é fazer ecoar na cena a narrativa de que a mulher no sertão precisa sim ter seu lugar de destaque e voz amplificada pelas lentes da arte. Há também valiosa contribuição para a práxis pedagógica no campo de conhecimento das artes cênicas através da Linha de Pesquisa: processos pedagógicos e contribuições para ampliar o debate acerca de processos criativos fortalecendo este programa de mestrado sendo abertura de caminhos para outras pesquisas.

Por fim, sem assumir ares de conclusão e mantendo a porta aberta para que novos questionamentos possam surgir a partir do intercruzamento entre a construção de uma cena com mulheres do campo, mediação cultural e impacto social, ressalta-se mais uma vez a importância de sempre apontarmos os perigos para histórias únicas e possibilitar a vivência de um teatro rural com mulheres e a compreensão de que o ator/atriz não leva o teatro porque o teatro já está lá por se tratar de uma linguagem inerente ao homem e de que “o teatro é

necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas” (BOAL, p. 11, 2009) e nossa função, enquanto artistas da cena, tem sido evidenciar e tensionar as relações político-sociais e culturais de um país que foi condicionado a renegar suas origens.

REFERÊNCIAS

ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

BOAL, Augusto. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. – 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CARREGOSA, A. S. **O mandonismo local e a política no sertão da Bahia: o caso do município de Paripiranga**. 2015. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <<http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/6248>>
DELEUZE, G e GUATTARI, F. Mil Platôs. São Paulo: Editora34, 1995.

EVARISTO. Conceição. **A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. Seminário virtual: a escrevivência de Conceição Evaristo. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>.

DIAS, C. C. S. **Os sertões, a ideia de Nordeste e a Bahia**. In: Joana Barros; Gustavo Prieto; Caio Marinho. (Org.).. (Org.). Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas.. 1ed.São Paulo: Elefante, 2019, v. 1, p. 57-66.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

GIL, Gilberto. **Cultura é ordinária**. 2014, Yoube, 32min. 45seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XFhz98zqMB0>>.

LEITÃO, Claudia de Souza. **Por um pensamento complexo acerca de Cultura e Desenvolvimento**. Revista eletrônica público e privado, 2007. V. 5. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2357>

MACEDO, C. S. **O estrangeiro de si: as trajetórias das migrações nordestina**. ECA USP, Jornalismo Jr. Disponível em:
<https://jornalismojunior.com.br/estrangeiro-de-si-as-trajetorias-da-migracao-nordestina/> Acesso em: 14 de Maio de 2022.

NJERI, Aza. **O que é mulherismo africana?** Podcast Decoloniza! (10:22min.) Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/5vOj9FzrkGTCRXFFvzZ6EX?si=469fa0b1294f4fc4>

OLIVEIRA, A. M. SANTOS, M. N. CELESTINO, U. E. S. **Sob o signo da cruz, a Malhada Vermelha floresce: A origem de Paripiranga nas memórias paroquiais de (1840 – 1900)**. VIII Encontro Estadual de História, ANPUH, 2016. Feira de Santana. Disponível em:
http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1475283941_ARQUIV_O_ARTIGO.pdf >.

PAES, J. M. **São Paulo em noite de festa: experiências culturais dos migrantes nordestinos (1940-1990)**. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Disponível em: <
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/13134>>.

SANTANA, E.O. SILVA, J. A. **Empreendedorismo, um instrumento social. Estudo de caso da ONG Gerando Falcões**. IV Simpósio Nacional de empreendedorismo social ENACTUS Brasil. Disponível em:
<http://www.enactusza.org/wp-content/uploads/sites/2/2019/09/EMPREENDEADORISMO-UM-INSTRUMENTO-SOCIAL-ESTUDO-DE-CASO-NA-ONG-GERANDO-FALC%C3%95ES.pdf>

SANTOS, W. S. **Cacilda Becker: uma trãnsfuga de classe no movimento de renovação teatral da cidade de São Paulo (1939 – 1949)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2021.